
Associação do sexo biológico e dos esquemas de gênero do autoconceito na identidade atlética de praticantes de *Crossfit*

*Isabely Rúbila Maciel,
Victor Yonamine Mota,
Mayara Maciel Batista,
Ana Carolina Paludo,
Marcus Peikriszwili Tartaruga,
Walan Robert Silva,
Thiago Emannuel Medeiros*

Resumo

O objetivo desse estudo foi verificar possíveis diferenças nos níveis de Identidade Atlética em relação ao sexo biológico e esquemas de gênero do autoconceito de homens e mulheres praticantes de crossfit. Participaram do estudo 102 sujeitos (52 mulheres e 50 homens). Foram avaliadas questões socioeconômicas, prática de exercício físico, esquemas de gênero do autoconceito e identidade atlética. Não houve associação entre identidade atlética e esquemas de gênero do autoconceito, bem como não foram encontradas diferenças significativas na identidade atlética quando comparados os esquemas de gênero do autoconceito e sexo biológico. Conclui-se no presente estudo que não existem diferenças entre os sexos e entre os esquemas de gênero do autoconceito no nível de identidade atlética e que o motivo primário da busca pela prática do crossfit é fator saúde.

Palavras-chave: *Crossfit*, esquemas de gênero do autoconceito, sexo biológico, identidade atlética.

Association between sex and gender schema of self concept on athletic identity of crossfitters

Isabely Rúbila Maciel, Victor Yonamine Mota, Mayara Maciel Batista, Ana Carolina Paludo, Marcus Peikriszwili Tartaruga, Walan Robert Silva, Thiago Emannuel Medeiros

Abstract

The aim of this study was verify differences on level of athletic identity about sex and gender schema of selfconcept of men and women practitioners of crossfit. Participated 102 individuals (52 women and 50 men). Were verify socioeconomic, physical exercise, gender schema of selfconcept and athletic identity. There was no verify significative association between athletic identity with gender schema of self concept, as well as among when compared gender schemas and sex on level of athletic identity. Was observed significative correlation among athletic identity and sensuality of women. Concluded on present study that was not differences on athletic identity between sex and gender schema of self concept and that the primary reason for the search for crossfit practice is a health factor.

Key-words: crossfit, gender schema of self-concept, sex, athletic identity.

Asociación del sexo biológico y de los esquemas de género del autoconceito en la identidad atlética de practicantes de *crossfit*

Isabely Rúbila Maciel, Victor Yonamine Mota, Mayara Maciel Batista, Ana Carolina Paludo, Marcus Peikriszwili Tartaruga, Walan Robert Silva, Thiago Emannuel Medeiros

Resumen

El objetivo de este estudio fue verificar posibles diferencias en los niveles de Identidad Atlética en relación al sexo biológico y esquemas de género del autoconceito de hombres y mujeres practicantes de crossfit. Participaron del estudio 102 sujetos (52 mujeres y 50 hombres). Se evaluaron cuestiones socioeconómicas, práctica de ejercicio físico, esquemas de género del autoconceito e identidad atlética. No hubo asociación entre identidad atlética y esquemas de género del autoconceito, así como no se encontraron diferencias significativas en la identidad atlética cuando comparados los esquemas de género del autoconceito y sexo biológico. Se observó una correlación significativa entre identidad atlética y el factor sensualidad en las mujeres. Se concluye en el presente estudio que no existen diferencias entre los sexos y entre los esquemas de género del autoconceito en el nivel de identidad atlética, y que el motivo primario de la búsqueda por la práctica del crossfit es factor salud.

Palabras-clave: crossfit, esquemas de género del autoconceito, sexo biológico, identidad atlética.

Introdução

O ser humano como sujeito biopsicossocial forma-se pela influência de diferentes fatores ao longo da vida (Engel, 1997; Engel, 1980). Quando busca-se estudar os diferentes comportamentos durante o desenvolvimento dos indivíduos, um dos critérios mais verificados refere-se a influência das distintas identidades sexuais. Nesse sentido, Money (1988) distingue os seguintes critérios de identidade de gênero/sexo, sexo biológico, orientação sexual e orientação de gênero (Money, 1988; Cardoso, 2008; Cardoso & Sacomori, 2012). Para o autor, o sexo biológico refere-se a morfologia sexual exposta, pênis para machos e vulva para fêmeas, ou genitália ambígua/indeterminada, denominada intersexo, orientação sexual constituída pelos desejos, emoções e afetos por parceiros sexuais, a qual pode ser heterossexual em que os sujeitos sentem atração por apenas um dos sexos biológicos, homossexual, com desejos e atrações por indivíduos com o mesmo sexo biológico e bissexuais, que são aqueles que possuem desejos e atrações por indivíduos de quaisquer um dos sexos biológicos. Já a identidade/orientação de gênero refere-se a percepção do indivíduo como sendo masculino, feminino ou andrógino (Money, 1988; Cardoso & Sacomori, 2012).

Com o intuito de melhor elucidar a ideia de identidades de gênero/sexo, uma abordagem de gênero utilizada na psicologia cognitiva é a Teoria dos Autoesquemas (Markus, 1977). Entre os autoesquemas, existem aqueles relacionados ao gênero, os quais, quando estimulados tendem a se agrupar formando unidades de funcionamento específicas, os esquemas de gênero do autoconceito. Portanto, perante estímulos específicos, indivíduos portadores de autoesquemas vinculados a masculinidade, são agrupados formando uma rede de associações cognitivas, o esquema masculino, ocorrendo de forma semelhante com os indivíduos portadores de autoesquemas vinculados a feminilidade (Markus, 1977; Markus et al., 1982).

Considerando que indivíduos podem apresentar esquemas com extrema ou uma maior proporção da masculinidade ou da feminilidade, foram elaborados grupos tipológicos que são os Heteroesquemáticos masculinos e Heteroesquemáticos femininos respectivamente. Entretanto, para aqueles que apresentam simetria entre os dois esquemas, são classificados como isoesquemáticos (Giavoni & Tamayo, 2010). Alguns estudos na área da ciência do esporte vem demonstrando que em diferentes modalidades encontram-se sujeitos com os três perfis de gênero, dos quais pode-se observar, por exemplo, o vôlei com grande proporção de Heteroesquemáticos femininos (Machado, Santos & Santos, 2009), o futsal, futebol e judô uma predominância de isoesquemáticos (Machado, Santos & Santos, 2009; Medeiros, Ferrari & Cardoso, 2014; Vieira & Pereira, 2014), e a natação com Heteroesquemáticos masculinos (Vieira & Santos, 2014). Esses resultados demonstram que apesar de algumas modalidades serem estereotipadas como masculinas ou femininas, os indivíduos praticantes apresentam-se com distintas características de personalidade relacionadas aos esquemas de gênero.

Nesse mesmo sentido, observando o comportamento de praticantes de esporte, nota-se algumas características específicas dessa população como: forte identificação com o papel de atleta; afetividade negativa pela falta de preenchimento do papel de atleta e exclusividade nesse papel

resultando na falta de outros papéis sociais (Martin, Mushett & Eklund, 1994; Martin, Eklund & Mushett, 1997; Hale, James & Stambulova, 1999). No meio esportivo o sujeito constrói sua identidade atlética mediante a vivência oportunizada, a qual é compreendida como a forma em que o sujeito-atleta constrói a noção de si próprio em relação às emoções do seu convívio interpessoal e de interações provenientes da prática esportiva (Brewer, Van Raalte & Linder, 1993). Assim, a partir do momento em que o indivíduo se percebe como atleta, esta identidade e as expectativas que lhe estão associadas, vão fornecer um padrão de comportamento que serve de auto regulação para o atleta, sendo que este passa a regular seu comportamento para que o seja consistente com as expectativas associadas (Sica, 2009).

Alguns estudos têm demonstrado que sujeitos com altos níveis de identidade atlética se dedicam mais aos treinamentos, empregam maior importância e compromisso no esporte (Kendzierski, Furr & Schiavoni, 1988; Cheng et al., 2009; Chen, Snyder & Magner, 2010), aprendem a reger e superar diversas circunstâncias negativas, desenvolvendo com maior facilidade características psicossociais (Cheng et al., 2009). Porém, quando não atingem os resultados esperados tendem a apresentar maior frustração, resultando em uma menor autoestima (Peiró-Velert, 2016).

Ao observar os diferentes fatores relacionados ao comportamento no esporte e adicionando a compreensão das tendências de práticas esportivas, uma modalidade que vem despertando interesse de homens e mulheres de diferentes faixas etárias e a modalidade *Crossfit*. O *Crossfit* é uma modalidade esportiva caracterizada por exercícios físicos variados de alta intensidade, trabalhando de forma simultânea as capacidades físicas, com movimentos de ginástica artística e levantamento olímpico, sendo considerado um programa de condicionamento extremo (Tibana, Almeida & Prestes, 2015).

Com base nas características apresentadas acima, observa-se que o *crossfit* apresenta além de características estereotipadas masculinas, sendo força, velocidade e movimentos agressivos. Entretanto, apesar das características estereotipadas masculinas da modalidade, um grande número de mulheres vem buscado a sua prática (Gomes, Sotero & Giavoni, 2011). Assim, torna-se importante destacar que quando avaliamos o comportamento esportivo em relação ao gênero, os resultados podem ser interpretados de maneira diferente comparados a avaliação pelo sexo biológico (Gomes, Sotero & Giavoni, 2011; Alves et al, 2012; Leite, 2009), assim como na comparação entre a orientação sexual e o sexo biológico (Carvalho, 2017, Carneiro, 2018). Sendo assim, torna-se importante entender a relação das identidades sexuais, esquemas de gênero do autoconceito e a identidade atlética de praticantes da referida modalidade. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi verificar a associação do sexo biológico e esquemas de gênero do autoconceito na identidade atlética de praticantes de *crossfit*.

Métodos

Tipo de estudo

Conceituado por Thomas e Nelson (2002), esta pesquisa é caracterizada como um estudo exploratório, transversal, de caráter

descritivo correlacional. Nesse sentido em um primeiro momento o estudo buscou descrever características socioeconômicas, sexuais e psicológicas relacionadas a personalidade de indivíduos envolvidos com a prática de *Crossfit*. Em um segundo momento objetivou-se verificar especificamente o nível identidade atlética em função do sexo biológico e esquemas de gênero do autoconceito.

Amostra

Com relação a característica dos 102 participantes foi observado que 51% eram mulheres e 49% eram homens, com média de $28,4 \pm 7,3$ anos, sendo a maioria heterossexual e solteiro (a). A maioria dos participantes se denominaram da cor branca, classe B e com nível superior completo, todos praticantes da modalidade *Crossfit*.

Instrumentos

Características socioeconômicas e de prática de exercício físico

Com o objetivo de caracterizar os participantes foi utilizado o questionário elaborado por Medeiros (Medeiros, Ferrari & Cardoso, 2014) o qual inclui informações referentes ao nome, idade, data de nascimento, sexo, estado civil, etnia (IBGE, 2008), grau de escolaridade, nível socioeconômico (posse de itens e grau de escolaridade do chefe de família) (ABEP, 2016), informações referentes à prática de exercícios físicos, como, tempo de contato geral com a modalidade, tempo de prática sistematizada na modalidade, frequência semanal de prática, tempo de treino diário, preferência por exercício em ambientes fechados ou abertos, intensidade de exercício preferida (baixa, moderada, alta) e período para a pratica (manhã, tarde, noite).

Esquemas de Gênero do Autoconceito

Para avaliação dos esquemas de gênero foi utilizado o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero e Autoconceito (IMEGA) desenvolvido e validado por Giavoni e Tamayo (2003), e o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA) Giavoni e Tamayo (2005). A população utilizada para a validação do IMEGA foi composta por uma amostra de 592 estudantes universitários, solteiros (89,4%), com faixa etária média de $22,23 (\pm 4,77)$ anos. Já para o IFEGA a amostra utilizada foi composta por 583 estudantes universitárias, solteiras (86,9%) com faixa etária média de $21,75 (\pm 5,83)$ anos.

O IMEGA avalia a composição dos esquemas de gênero que compõem o autoconceito de homens, sendo composto por 71 itens que avaliam aspectos do esquema masculino a partir dos fatores egocentrismo, ousadia e racionalismo, e do esquema feminino pelos fatores integridade, sensualidade, insegurança, emotividade e sensibilidade. Já o IFEGA é um instrumento que avalia o esquema feminino do autoconceito. É composto por 75 itens, onde 36 são representantes do esquema masculino (escala masculina) e 39 do esquema feminino (escala feminina). Contém os fatores Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social.

Ambos os instrumentos são respondidos em uma escala *Likert* de cinco pontos, no qual o escore zero (0) indica que o item não se aplica ao respondente até o escore quatro (4), indicando que o item se aplica totalmente. Os itens que compõem cada um dos fatores são somados individualmente e obtém-se a média aritmética para cada um dos fatores.

A partir dos fatores das escalas masculina e feminina, é possível obter dois vetores resultantes, denominados de norma masculina e norma feminina, com os quais posiciona-se os indivíduos no plano do Modelo Interativo e, a partir daí os indivíduos são classificados em três grupos tipológicos de gênero, sendo eles, Heteroesquemático masculino, Heteroesquemático feminino e Isoesquemático (Giavoni, 2000; 2003; 2005).

O modelo interativo apresenta dois domínios chamados de ângulo e distância, sendo que a distância verifica o nível de desenvolvimento de cada constructo e o ângulo determina o grau de proporcionalidade entre os constructos do indivíduo possibilitando categorizar os indivíduos nos grupos tipológicos. Devido à alta complexidade do Modelo Interativo, este estudo utilizará apenas a variável ângulo para definir os campos e classificar os indivíduos nos grupos tipológicos a serem estudados.

Para a classificação dos sujeitos nos campos do Modelo Interativo, serão utilizadas as seguintes expressões matemáticas:

Imega

Esquema Masculino (EM) = $\sqrt{\Sigma (\text{Egocentrismo})^2 + (\text{Ousadia})^2 + (\text{Racionalidade})^2}$

Esquema Feminino (EF) = $\sqrt{\Sigma (\text{Sensualidade})^2 + (\text{Insegurança})^2 + (\text{Sensibilidade})^2}$

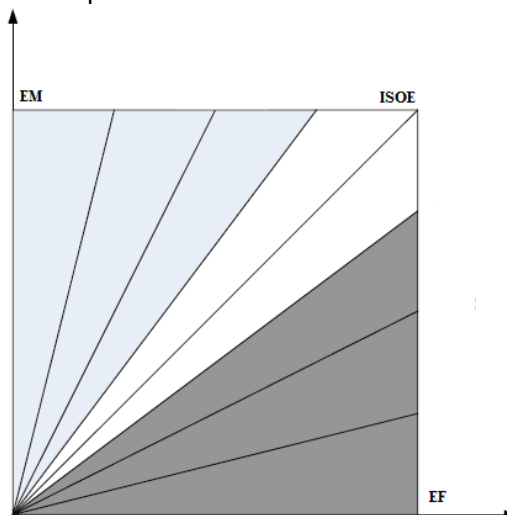
Ifega

Esquema Masculino (EM) = $\sqrt{\Sigma (\text{Negligência})^2 + (\text{Egocentrismo})^2 + (\text{Arrojamento})^2}$

Esquema Feminino (EF) = $\sqrt{\Sigma (\text{Sensualidade})^2 + (\text{Inferioridade})^2 + (\text{Ajustamento Social})^2}$

Cada indivíduo foi posicionado nos campos do Modelo Interativo a partir do seu par ordenado (EM; EF). A Figura 1 apresenta os campos previstos pelo Modelo Interativo. A partir do posicionamento dos indivíduos nos campos do modelo, pode-se, por meio da expressão matemática ($\hat{\alpha} = 45^\circ - \arctg \hat{e}$), onde $\hat{\alpha}$ = ângulo e $\arctg \hat{e} = EM/EF$, avaliar o desvio de cada sujeito em relação a bissetriz. Matematicamente a bissetriz caracteriza a proporcionalidade entre os esquemas de gênero.

Figura 1. Campos previstos pelo Modelo Interativo



Escala de Identidade Atlética

Para verificar a identidade atlética foi utilizada a *Athletic Identity Measurement Scale-Plus* (Cieslak & Thomas, 2004), baseado na AIMS (Brewer & Cornelius, 2001), e na teoria da estrutural da identidade (Stryker, 1980). A AIMS-Plus é um questionário autorrelatado composto por 22 itens, e com um modelo de resposta em uma escala de 1= discordo totalmente a 7= concordo totalmente. Considera-se como escore da escala a soma dos itens, sendo que quanto maior for o escore maior o grau de identidade atlética.

Para validação do instrumento participaram 387 atletas, sendo 232 homens e 155 mulheres com média de idade de 22,1(dp=4,5), praticantes das modalidades de futebol de campo, futsal, voleibol, handebol, basquetebol, atletismo, judô e karatê das cidades de Curitiba- PR, São José do Pinhais-PR, Guarapuava-PR e Florianópolis-SC, escolhidos de forma intencional a partir dos seguintes critérios de inclusão: idade mínima de 16 anos, estar federado por um clube, associação ou secretaria de esporte por no mínimo um ano, treinar de forma sistematizada a pelo menos um ano em uma frequência mínima de três vezes por semana e estar treinando regularmente no período da coleta de dados. Ainda fizeram parte do estudo 168 não atletas, universitários (cursos de Psicologia, Educação física e Administração) como grupo controle, sendo 94 homens e 74 mulheres com média de idade de 23,7(dp=6,7).

Procedimentos éticos

Este estudo fez parte de um projeto de pesquisa maior intitulado "Perfil esportivo e artístico de atletas e bailarinos" devidamente submetido e aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) sob o número de protocolo 275.381/2013.

Critérios de inclusão

Foram incluídos no estudo os indivíduos que atenderam aos seguintes critérios: (a) concordar em participar do estudo, mediante assinatura dos Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido (assinado pelos pais ou responsáveis quando menor de idade) (b) estar praticando *crossfit* por pelo menos 1 (um) mês.

Procedimentos para a coleta de dados

Levantados os locais que aceitaram participar da pesquisa, a proponente do estudo marcou horários específicos para a abordagem dos sujeitos, bem como, para o convite a participar da pesquisa e explanação sobre os questionários. O sujeito que aceitou participar do estudo recebeu os questionários e orientações para preenchimento, os quais puderam ser respondidos no momento da abordagem, ou, em um horário de maior disponibilidade do pesquisado (o sujeito pôde levar o questionário para casa), para aqueles que optaram por responder o questionário no momento da abordagem, foi disponibilizado caneta e prancheta. Foi combinado entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa data e horário para a devolução do questionário (quando levado para casa). Também houve a disponibilização dos questionários em formato eletrônico, via e-mail pela plataforma do Google Forms.

Análise de Dados

Para as análises exploratórias descritivas, utilizou-se dos programas Excel para armazenamento e SPSS 20.0 para análise dos dados. São apresentadas frequências absolutas e relativas para os dados categóricos e médias e desvio-padrão para os dados contínuos. A distribuição dos dados foi verificado pelo teste de Kolmogorov-Smirnov. Com relação as análises inferenciais foram utilizados os testes de Qui-quadrado, Kruskal-Wallis, U Mann-Whitney e Spearman. Para todas as análises foi considerado o nível de significância de $p < 0.05$.

Resultados

No que diz respeito as características esportivas dos participantes a frequência semanal de treino variou de 2 à 6 dias por semana, sendo a intensidade de treino alta e treinar a noite a preferência da maioria. As mulheres mostraram uma preferência maior por praticar a modalidade sozinhas e/ou duplas, enquanto que para os homens a preferência foi por ambos. O tempo de contato com a prática, tempo de treino sistematizado e o tempo de treino por dia foram de $1,47 \pm 0,99$ e $1,56 \pm 0,75$, $1,36 \pm 2,85$ e $0,99 \pm 0,70$ anos e $1,25 \pm 0,51$ e $1,07 \pm 0,30$ horas para homens e mulheres, respectivamente.

Na tabela 1, estão apresentados o número de participantes em cada grupo tipológico, heteroesquemático masculino (HM – 35%), heteroesquemático feminino (HF – 18%), isoesquemático (ISO – 47%), bem como a relação sobre o motivo primário em relação a prática (saúde).

Tabela 1. Perfil tipológico e motivo de prática dos participantes

Esquemas de Gênero do Autoconceito	Homens n (%)	Mulheres n (%)
HM	24 (48)	12 (23,1)
ISO	21 (42)	27 (51,9)
HF	5 (10)	13 (25)
Motivo de prática		
Competição	7 (14)	6 (11,5)
Estética	5 (10)	15 (28,8)
Lazer	11 (22)	6 (11,5)
Socialização	0 (0)	0 (0)
Saúde	27 (54)	25 (48,1)

Na tabela 2 estão apresentados os resultados de identidade atlética (IA) e sua associação com os esquemas de gênero do autoconceito. Nota-se que para os três diferentes grupos tipológicos os participantes relataram uma menor IA, especialmente para os grupos dos ISO e HM. Em relação a associação entre o sexo biológico e a IA, também não se obteve resultados significativos.

Tabela 2. Associação entre os esquemas de gênero do autoconceito e identidade atlética de praticantes de Crossfit

Esquemas de Gênero do Autoconceito	IA<51 n (%)	IA>51 n (%)	X²	p
HM	30 (83,3)	6 (16,7)	3,177	0.20
HF	12 (66,7)	6 (33,3)		
ISO	41 (85,4)	7 (14,6)		

x²: qui-quadrado; p: <0.05; n: frequência absoluta; %: frequência relativa

Quando comparados o nível de IA entre os esquemas de gênero do autoconceito e o sexo dos participantes, não foram observadas diferenças significativas em ambos (tabela 3).

Tabela 3. Comparação dos esquemas de gênero do autoconceito e do sexo com o nível de identidade atlética

	HM X̄(dp)	ISO X̄(dp)	HF X̄(dp)	Kruskal-Wallis	p
Identidade Atlética	40,8±11,2	40,7±11,6	43,3±12,1	,971	0.61
	Homens	Mulheres		U	p
	41,2±10,1	41,1±12,7		1262,0	0.80

p: <0.05; x̄:média; dp: desvio padrão; U: U Mann-Whitney

Discussão

A observação das diferentes características identitárias do ser humano sempre atraiu grande interesse dos pesquisadores. A influência das diferentes identidades sexuais e aspectos da personalidade no desempenho de diferentes tipos de tarefas tem apresentado dados interessantes nas mais diversas atividades humanas.

No presente estudo quando buscou-se verificar uma possível associação entre a Identidade Atlética e os Esquemas de Gênero do Autoconceito não foram notadas associações significativas. Uma justificativa

para tal, pode ser o fato da amostra não ser de atletas profissionais e em geral ter um tempo de prática relativamente curto. Quanto mais o indivíduo vive o papel de ser atleta, maior exclusividade ele dará a este papel dentro do seu self, o qual é composto de múltiplas identidades onde estas são baseadas em papéis sociais desempenhados pelo indivíduo (Brewer, Van Raalte & Linder, 1993).

Deve-se levar em consideração também que ao perguntar o motivo primário dos praticantes destacou-se o fator saúde.

O grupo tipológico que predominou entre os participantes foi o Isoesquemático, sendo representado por uma simetria entre os esquemas masculino e feminino, indicando uma possível adaptação do indivíduo com os estímulos recebidos no âmbito esportivo, assim como encontrado em outros estudos (Machado, Santos & Santos, 2009; Medeiros, Ferrari & Cardoso, 2014; Vieira & Pereira, 2014; Backers et al., 2016).

Quando comparados os grupos tipológicos dos esquemas de gênero do autoconceito e o sexo dos participantes com o nível de identidade atlética não foram observadas diferenças significativas. O sexo biológico fez parte desse estudo por não estar respondendo a variabilidade em recentes pesquisas e a orientação sexual ser a responsável pela maior associação com o comportamento (Carvalho, 2017; Brandão, 2018). Como a amostra não teve variação na orientação sexual não foi possível fazer comparação com está variável.

Por fim, algumas limitações desses estudos são expostas como o baixo número de sujeitos com diferentes orientações sexuais o que não permitiu outras análises como por exemplo a correlação entre homossexuais com a identidade atlética e o uso de questionários, nos quais o avaliado pode omitir respostas.

Considerações finais

Conclui-se que homens e mulheres não apresentam diferenças com relação a identidade atlética, fato esse de grande relevância visto que as diferenças entre os sexos estão cada vez menores quando observados alguns comportamentos humanos. Destaca-se ainda que somente para as mulheres o fator sensualidade apresentou correlação com a identidade atlética e para os homens nenhum fator apresentou relação com a Identidade Atlética.

Referências

- Alves, M.G.S., Sampaio, T.M.V., Silva, A.A., & Melo, G.F., (2012) Força muscular isocinética em idosas: comparações entre perfis psicológicos de gênero. R. bras. Ci. e Mov., 20(4), 5-12.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)., (2016) Critério de classificação econômica Brasil.
- Backers, K.M., Silva, W.R., Melo, G.F., & Cardoso, F.L., (2015) Esquemas de gênero e perfil idiocêntrico e allocêntrico dos lutadores de jiu-jitsu de Chapecó-SC.
- Brandão, A.C., (2018) Percepção da imagem corporal de bailarinos

associada ao sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e esquemas de gênero do autoconceito [dissertação]. Florianópolis: Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC;.

Brewer, B., Van Raalte, W., & Linder, J.L., (1993) Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? *International Journal of Sport psychology*,.

Brewer, B.W., & Cornelius, A.E., (2001) Norms and factorial invariance of the Athletic Identity Measurement Scale. *Academic athletic journal*., 15(2), 103-113.

Cardoso, F.L., (2008) O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. *Interamerican Journal of Psychology*.; 42(1): 69-79.

Cardoso, F.L., (2012) Sacomori C. Identidade de gênero/sexo de atletas e sedentários. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*; 34(4).

Carvalho, H.P., (2017) Proposição do constructo orientação motora a partir dos comportamentos de infância e das preferências e práticas de exercícios físico e esportes de participantes de diferentes identidades de gênero, esquemas de gênero e orientações sexuais de ambos os sexos. [dissertação]. Florianópolis: Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC;.

Chen, S., Snyder, S., & Magner, M., (2010) The effects of sport participation on student athletes' and non-athletes student' social life and identity. *Journal of Issues in Intercollegiate Athletics*., 3, 176-193.

Cheng, J.H.S., Marsh, H.W., Dowson, M., & Martin, A.J., (2009) Exploring the effect of relationship dynamics and dimensions of support on gymnasts' and figure skaters' selfconcept, education & psychological resilience: A research proposal. *Australian Association for Research in Education*., 1-16.

Cieslak, Thomas, J., (2004) Describing and measuring the athletic identity construct scale development and validation. Tese (Doutorado em Filosofia). Pós-Graduação em Filosofia. Universidade do Estado de Ohio.

De Haro, J.A., & Ramos, F.V.J., (2016) CrossFit and Spine. *Journal Ortho-tips*., 12(4), 196-199.

Engel, L.G., (1997) The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. *Science*; 196: 129-36.

Engel, L.G., (1980) The clinical application of the biopsychosocial model. *Am J Psychiatry*; 137:535-44.

Giavoni, A., Tamayo, Á., (2000) Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.16(2), 175-184.

Giavoni, A., Tamayo, Á., (2003) Inventário masculino dos esquemas de gênero do autoconceito (IMEGA). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*., 19(3), 249-259.

Giavoni, A., & Tamayo, Á., (2005) Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA). *Estudos de Psicologia*., 10(1), 25-34.

Giavoni, A., & Tamayo, Á., (2010) The psychological synthesis

evaluated by the Interactive Model. *Psicologia: Reflexão e Crítica.*, 23(3), 593-601.

Gomes, A.S., Sotero, R.C., Giavoni, A., & Melo, G.F., (2011) Avaliação da composição corporal e dos níveis de aptidão física de atletas de futsal classificados segundo a tipologia dos esquemas de gênero. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte.*, 17(3), 156-160.

Hale, B.D., James, B., & Stambulova, N., (1999) Determining the dimensionality of athletic identity: a "Herculean" cross-cultural undertaking. *International Journal of Sport Psychology.*, 30(1), 83-100.

Hyde, J.S., (2013) Gender Similarities and Differences. *Annual Review of Psychology.*, 65(3), 3-26.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características Étnico-raciais da População: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça. IBGE. (2008). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/P_CERP2008.pdf.

Kavussanu, M., Willoughby, A., & Ring, C., (2012) Moral identity and emotion in athletes. *Journal Sport Exercise and Psychology.*, 34(6), 695-714.

Kendzierski, D., Furr, R.M., & Schiavoni, J., (1998) Physical activity self-definitions: correlates and perceived criteria. *Human Kinetics Journals.*, 20(2).

Leite, C.D., (2009) Avaliação da percepção e tolerância à dor aguda dos grupos tipológicos de esquemas de gênero [dissertação]. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB;

Machado, A.M., Santos, E.O., & Santos, F.C.P., (2009) Esquema do autoconceito em mulheres praticantes de voleibol e futsal. *Revista Digital de Educação Física.*; 4(1).

Markus, H., (1977) Self-schemata and processing information about the self. *Journal of Personality and Social Psychology.* 35(2), 63-78.

Markus, H., Crane, M., Bernstein, S. & Siladi, M. (1982) Self-schemas and gender. *Journal of Personality and Social Psychology.* 42(1), 38-50.

Martin, J.J., Mushett, C.A., (1994) Eklund R. Factor structure of the Athletic Identity Measurement Scale with adolescent swimmers with disabilities. *International Journal of Adapted Physical Education Research.*, 1(1), 87-100.

Martin, J.J., Eklund, R.C., Mushett,, C.A., (1997) Factor structure of the athletic identity measurement scale with athletes with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly.* 14(1), 74-82.

Medeiros, T.E., Ferrari. E.P., (2014) Cardoso FL. Relação entre Status Social Subjetivo e Esquemas de Gênero do Autoconceito em Jogadores de Futebol. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais.* , 9(1), 106-117.

Melo, G.F., Giavoni, A., & Trócolli, B.T., (2004) Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.*, 20(3), 251-256.

Money, J., (1988) *Gay, Straight and in between: The sexology of erotic orientation*. New York: Oxford University Press.

Peiró-Velert, C., Valencia-Peris, A., Fos-Ros, V., & Devís-Devís, J., (2016) Identidad deportiva en adolescentes españoles: propiedades psicométricas de La versión em español de la escala Athletic Identity Measurement Scale-E. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 48(1), 8-17.

Pereira, E.S., (2017) Efeito agudo de uma sessão de treinamento de CrossFit® nos níveis séricos de BDNF, estados de humor e percepção corporal em indivíduos ativos [tese]. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu.

Sica, L., (2009) Adolescents in different contexts: The exploration of identity through possible selves. *Cognition, Brain, Behaviour: An Interdisciplinary Journal*, 13(3), 221-252.

Spence, J.T., Helmreich, J.T., & Robert, S.T., (1975) Ratings of self and peers on sex role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32(1), 29-39.

Stryker, S. (1980) *Symbolic interactionism: A social structural version*. Menlo Park, CA: Benjamin-Cummings.

Tibana, R.A., Almeida, L.M., & Prestes, J., (2015) CrossFit® Riscos ou benefícios? O que sabemos até o momento? *Revista brasileira de Ciência e Movimento*, 23(1).

Tibana, R.A., Sousa, N.M.F., Barros, G.C., & Prestes, J., (2017) *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, 11(70), 880-887.

Tibana, R.A., Sousa, N.M.F., & Prestes, J., (2017) CrossFit® training load quantification through session-rate of perceived exertion: a case study and review. *Revista Brasileira de Ciencia e Movimento*, 25(3), 5-10.

Thomas. J.R., & Nelson, J.K., (2002) *Métodos de pesquisa em atividade física*.

Vieira, M.P., Pereira, R.G., (2014) Esquemas de gênero do autoconceito e perfil idiocêntrico-alocêntrico de adolescentes atletas praticantes de judô. *SIEPE*,

Vieira, M.P., Santos, A.P., (2014) Esquemas de gênero do autoconceito e perfil idiocêntrico-alocêntrico de adolescentes atletas praticantes de natação. *SIEPE*

Sobre o autor

Isabely Rúbila Maciel

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Santa Cruz, Guarapuava, PR, Brasil.

Victor Yonamine Mota

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Santa Cruz, Guarapuava, PR, Brasil.

Mayara Maciel Batista

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Santa Cruz, Guarapuava, PR, Brasil.

Ana Carolina Paludo

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Santa Cruz,
Guarapuava, PR, Brasil.

Marcus Peikriszwili Tartaruga

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Santa Cruz,
Guarapuava, PR, Brasil.

Walan Robert Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Brasil.

Thiago Emmanuel Medeiros

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Brasil.

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Thiago Emmanuel Medeiros

Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Educação

Física, Fisioterapia e Desportos - CEFID. - Rua Paschoal Simone, 358

- Coqueiros - CEP: 88080350 - Florianópolis, SC - Brasil

E-MAIL

profthiago.emedeiros@gmail.com

TELEFONE

+ 55 (48) 33218600